



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

A Felicidade Precisa de Combustível

Com evidente regalo, com manifesto gozo, o pintor do céu das ilhas açorianas tem experimentado profusos tons de cinzento, obscurecendo ruas e interiores de habitações. Os mais necessitados nestes tempos de crise - e os mais poupados - evitam ligar as luzes de manhã e à tarde. Fazem bem. Ou não têm alternativa.

Bons amigos continentais sentenciaram, ao me saberem de bagagem preparada, a caminho do aeroporto: olha que não vais aguentar a travessia do Inverno açoriano. Ainda me lembrava da estação, até porque, como comentei em prosa anterior, têm sido vários, em distintas alturas do ano, os momentos de regresso a esta terra insular. E houve a adolescência e a sua banda sonora apaziguadora e condizente com o temperamento das tempestades.

Contrário-os. Dou um exemplo. Acontece em pouquíssimos lugares nacionais. Existe por cá um direito gratuito, o de dar um mergulho sem congelanços em alturas inverniais. Agora, sim, como quem se inaugura em 2021 na mais refrescante das modalidades. Não há nada melhor do que um mergulho nestes mares para incentivar o optimismo por todos desejado. Venham cá ter.

Sabemos que os Açores são, apesar das solares temporadas que conhecemos (muito festejadas em fotografias de *facebook*, acompanhadas de legendas celebratórias, do género "Ah, isto é só nuvens, não é?!"), essencialmente céu nublado. E é assim que os devemos acolher sem dramatismos. Assim como a vida, já agora. E como a arte que a recria. Acumulam sombras, nuvens. O importante é assumir o risco, pouco arriscado, na verdade, de invadir as águas salgadas debaixo de todos os céus. Venham cá ter.

O Sufoco do Corvo

Vou à varanda desta casa da angrese Rua Pero Anes do Canto e topo o mau tempo a invadir esta baía que se imagina sempre abrigada do rosnar marítimo. Nunca a havia espreitado assim. As ondas têm entrado com basta fúria e até há quem, depois de conselho das autoridades, se tenha obrigado a retirar as embarcações

para terra.

Chegam-nos, pelos órgãos de comunicação e pelas internet, notícias melancólicas da Ilha do Corvo nestes dias de passagem de ano, tingidos de alertas amarelos e laranjas e ondas com mau feitio: à ilha faltou combustível, o que obrigou ao fecho da única bomba da gasolina e ao corte da iluminação pública. Sim, é situação antiga. Vem de há muito tempo, motivada pela impossibilidade de o barco de transporte atracar em terras corvinas e, em calendário recente, revelou um sabido agravamento com o Furacão Lorenzo. Segundo se lê nas notícias, depois da troca de palavras, vai-se procurando o essencial: resolver a situação. De nada vale a chicotada do verbo perante a exigência da acção.

Trago o episódio aqui não só por merecer preocupação pronta de todos os açorianos, vinculados ao compromisso ético de olhar para além do seu rochedo, da sua pastagem e da sua araucária. Um lembrete: para alguém se declarar açoriano, cá dentro, em Trás-os-Montes ou em Reykjavik, não basta nomear a converseta da sua freguesia, o encanto das suas hortênsias ou a beleza da cascata doméstica. Trago o episódio, dizia, por revelar mais uma vez a urgência de integrar, proteger, acolher a ilha no todo açórico. É igual a todas as outras. O sufoco do Corvo tem de ser uma dor de São Miguel. A requerer, muitas vezes, cuidados intensivos.

Em cima da mesa do escritório, agora renovado com amoroso cuidado, tenho alguns livros que tratam da ilha em diversas perspectivas, permitindo pesquisas históricas e aproximações recentes. Ficam as pistas bibliográficas para quem as quiser apanhar: "Histórias e Gentes da Ilha do Corvo", de José Arlindo Armas Trigueiro, "O Dia da Lã - Histórias e Vivências Corvinas (1875-1975)", "O Livro de Marcas da Ilha do Corvo", de João Saramago - professor universitário na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, há muito motivado em escrever cartas de amor científicas à sua terra. Partilho. Contou-me, em pitoresca tasca lisbonense, que, dado seu apelido, recebeu de quando em vez correspondência destinada a

um cidadão criador de uma personagem chamada Blimunda. Tem graça.

Ah, também cá está, entre um livro de contos de Javier Marías, a "Obra Completa" de Rimbaud, ofertada pelo Natal, e "O Meu País - Notas sobre Nacionalismo", de Maria Filomena Mónica, o livro dos Mal-Amanhados, agora editado pela Letras Lavadas, no qual se encontra um capítulo dedicado à ilha. A equipa do programa esteve no Corvo em 2019. Durante três dias. Queríamos ficar mais tempo mas o orçamento é o orçamento. Fomos acolhidos no abrigo turístico do histórico Manuel Rita (primo de João Saramago), a Guest House Comodoro. Rita é um conhecido conversador, figura generosa, capaz de permitir, com o dicionário todo, o acesso, na sua sala de estar, a livros e bebidas à discrição. Uma carraspana alcoólica ganha classe com uma bebedeira literária. E legitimidade.

Foi ele que nos avisou, quando ansiávamos pela partida, para aguentarmos os cavalinhos (aqueles que não encontrámos no Caldeirão, apesar de termos entoado "Wild Horses" e "Era uma Vez um Cavalinho") porque o mau tempo chegara na sua carruagem meteorológica e a viagem para as Flores ficara assim comprometida. A salvação veio com a intervenção do profeta Carlos Toste, especialista nos mais montanhosos rallyes aquáticos. Foi ele que, com a sua erudição marítima, com a sua sabedoria marinheira, nos conduziu, entre os exoneráveis banhos de espuma, aos compromissos florentinos. O orçamento é o orçamento.

No livro podem encontrar-se conversas com a informadíssima e *speedada* Andreia Silva, responsável pelo Eco-Museu, a estudiosa, amável e competitiva (no futebol de salão) Tânia Pipa, cientista no Monte Gordo, o dedicado e disponível presidente da Câmara, autor de uma frase que nos ficou: "O Corvo não é para ser visto, é para ser vivido". De outra também: "como é que pessoas 'malucas', se lhes podemos chamar, ao fim destes séculos todos (o povoamento aconteceu no século XVI) ainda continuam a teimar a viver aqui, e são felizes aqui". A felicidade é possível mas precisa de combustível.

Presidente do Governo reconhece papel do Exército na protecção dos açorianos

O Presidente do Governo, José Manuel Bolieiro, expressou na terça-feira em Ponta Delgada o reconhecimento, em nome do XIII Governo Regional dos Açores, "do papel que as Forças Armadas no seu todo, mas em particular o Exército representa na boa cooperação com os Açores, com os açorianos e com as nossas ilhas".

O governante, que falava após uma audiência para a apresentação de cumprimentos ao Chefe de Estado Maior do Exército, General Nunes da Fonseca, realçou o

"contributo histórico, o relacionamento institucionalmente impecável, amistoso e que permite deixar esse reconhecimento, que eleve à capacidade e ao prestígio do Exército e do Comando da Zona Militar nos Açores".

O Chefe do Executivo reafirmou, também, a sua total disponibilidade para a melhor cooperação, pois tem sentido por parte do Exército "desde sempre a disponibilidade de colaborar e apoiar as nossas populações, mas também a estrutura dos órgãos de Governo próprio da

Região Autónoma dos Açores, em todas as situações em que o Exército é uma mais-valia".

"A vida dos decisores é cada vez mais a de avaliar riscos, prevenir e evitar problemas. Esta cultura, que o Exército permite evidenciar há de ser de uma relação mútua de prudência, de aproveitamento e otimização das capacidades instaladas, quer do Exército, quer da Administração Regional Autónoma, do poder local para bem servir as populações", frisou José Manuel Bolieiro.

